

Outras vozes da política: memória e imaginação

Other voices of politics: Memory and imagination

José Luiz Bica de Mélo¹
luizbicabr@hotmail.com

Resumo

O texto objetiva a apresentar a relação entre razão e sensibilidade por meio de um breve caminho da reflexão literária e poética, buscando pensar os nexos entre política e imaginação. Tomando como fio condutor a análise relacional do poema "El sur también existe" de Mário Benedetti e convidando à leitura de poemas de Octavio Paz, Martha Nélida Ruiz, Gregory Bateson e Etienne Samain, propõe, também, que o cientista social leve em conta em suas tarefas as relações entre ficção e realidade sócio-histórica e memória, como nexos que objetivam a teia da vida que se convencionou chamar de Sociedade.

Palavras-chave: sociedade, política, imaginação, memória, poesia.

Abstract

The text aims to present the relation between reason and sensibility through a brief path of literary and poetic reflection, trying to think about the nexus between politics and imagination. Taking the relational analysis of the poem "El sur también existe" by Mario Benedetti as a reference and inviting the reader to read poems by Octavio Paz, Martha Nélida Ruiz, Gregory Bateson and Etienne Samain, it also suggests that the social scientist should take into consideration the relations between fiction and socio-historical reality and memory as connections that aim at the web of life which we conventionally call society.

Keywords: society, politics, imagination, memory, poetry.

*Se sobre a folha de papel de cor bege
encontrar-se escrito algo do gênero:
"Em que medida a folha de uma árvore
assemelha-se a uma palavra dentro de uma frase?",
tome o cuidado de respirar fundo (Samain, 2005, p. 155).*

*Una mancha de tinta se levanta de la página y se
echa a volar [...] (Paz, 1990b, p. 68).*

*No tengo pies
de tanto ser camino (Ruiz, 2003, p. 85).*

*Pero aquí abajo abajo cerca de las raíces
es donde la memoria
ningún recuerdo omite [...] (Benedetti, 2003, p. 300).*

*El solitario
Esqueleto
De la Verdad (Bateson e Bateson, 1994, p 19).*

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Av. Unisinos, 950, Cristo Rei, 93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil.



Abrindo portas

Na trajetória de quase três décadas como professor de Sociologia, Política e Pesquisa Social, em diversas ocasiões tenho observado junto aos estudantes de diferentes áreas das Ciências Humanas, tanto de cursos de graduação quanto de pós-graduação, que aqueles que estudavam e estudam com maior interesse e maior alegria eram e são aqueles alunos que leem, por dever de ofício, além dos autores, textos e temáticas de sua área de formação, liam e leem, por razões de sensibilidade, também obras da literatura universal e, dentre estas, a poesia.

Conversando com esses alunos, tenho constatado que “o gosto pela leitura” – como dizem – foi adquirido no meio familiar ou na escola primária e secundária. A quase totalidade desses estudantes afirmam raramente terem tido, em seus cursos de graduação ou pós-graduação, algum contato com leituras fora de sua área específica e que, graças àquele hábito adquirido antes de chegar à Universidade, continuam “sentindo o gosto” pela literatura e, para muitos deles, o gosto, em particular, pela poesia. A situação de meus alunos não difere da minha quando estudante de graduação e pós-graduação. Também eu experienciei o gosto pela leitura antes de experimentar as primeiras lições de Sociologia, Política e Antropologia, ou de realizar as primeiras pesquisas de campo. Não tenho lembrança de alguma disciplina ou seminário que discutisse alguma poesia ou mesmo obra literária, em profundidade, ou que tenha apresentado algo além dos conteúdos ditos teóricos ou metodológicos. É importante dizer, por uma questão de gratidão e justiça, que tive professoras e professores muito atentos e interessados. Professores e professoras que realizavam seu ofício com competência e sensibilidade, mas que restringiam suas aulas – poderia ser de outra maneira? – aos conteúdos teórico-metodológicos. Recordo uma exceção: o professor Victor Becker, que, em suas aulas de Sociologia da Educação, enquanto nos apresentava e dialogava conosco sobre a educação libertadora de Paulo Freire e a pesquisa participante de Orlando Fals Borda, nos convidava a ler também *Literatura e sociedade* de Antonio Candido e *As veias abertas da América Latina* de Eduardo Galeano para “conhecermos melhor” – dizia Victor – “as pontes entre o que tem sido a nossa sociedade e a nossa cultura” e nos presenteava com fotocópias do poema *O operário em construção* de Vinicius de Moraes.

Venho de uma família de agricultores pobres. Minha mãe e meu pai, pelas circunstâncias e vicissitudes que a vida lhes reservou, foram precariamente alfabetizados por famílias que os criaram e não tiveram acesso à educação formal. Em minha casa não tinha livros. Recordo que, às vezes, minha mãe trazia, da cidade próxima, velhas revistas *Manchete* ou *O Cruzeiro*, que ganhava das donas das casas onde vendia rapadura, galinha ou mandioca: “Leva, comadre alguma revista velha, pras crianças olhá”, escutei várias vezes, quando tinha por volta de 6 ou 7 anos. Lembro-me de ter segurado mais de uma vez a Revista *O Cruzeiro* em minhas mãos mesmo sem saber ler. Meu pai, que só apreendera a reconhecer as letras maiúsculas, as “letras de forma”, como dizia,

soletrava letra a letra os títulos das matérias enquanto minha irmã e eu nos fixávamos nas fotografias e ilustrações. Foram essas minhas primeiras lições de “leitura” de texto.

Depois das *segundas* letras dos *primeiros* anos de escola, passei a tomar contato com os livros e, por extensão, com a literatura, despertado por professoras do ensino fundamental, na escola rural da comunidade onde morava e depois, aos 11 anos quando fui morar com padrinhos e estudar na cidade de São Luiz Gonzaga, cidade na região das Missões do Rio Grande do Sul, onde realizei a maior parte de meus estudos primários e secundários. Comecei lendo *Histórias de Tia Nastácia* e *O Pica-pau Amarelo* de Monteiro Lobato, estimulado por uma professora de Língua Portuguesa. Descobri também *Terras do sem fim* e *A morte e a morte de Quincas Berro d'Água* de Jorge Amado e os poemas de Mario Quintana que lia no jornal *Correio do Povo*. Recordo ainda de *Viagem ao redor da lua* e *A volta ao mundo em oitenta dias*, de uma coleção de Julio Verne disponível na Biblioteca Municipal da cidade. Lembro também, para minha fortuna, que, mesmo quando eram leituras obrigatórias, por exemplo, de *Dom Casmurro* de Machado de Assis, já no Ensino Médio, jamais me senti na obrigação de ler; lia com curiosidade e prazer.

Nos anos oitenta do século XX, já na Universidade e residindo em Porto Alegre, tomei contato com a poesia de Carlos Drummond de Andrade, de quem até hoje me emociona o poema *José*; também me causou espanto e admiração *Morte e vida severina* de João Cabral de Melo Neto. De minha paixão pelo idioma de Miguel de Cervantes, nessa mesma época me emocionei com os contos *Biblioteca de Babel*, *El Sur* e *Funes el memorioso* de Jorge Luis Borges: são contos sobre os destinos e as tramas da vida, a memória e o esquecimento. Das traduções recordo *Bom dia para os defuntos* de Manuel Scorza e *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada* de Pablo Neruda. Nestes últimos tempos e continuando com o que eu poderia chamar de *fome de leitura, alimentei*, e espero continuar *alimentando* por muito tempo, muitos de meus momentos com *Don Quijote de la Mancha* de Cervantes, *Contos* de Edgar Allan Poe, a novela *Gracias por el fuego*, os contos e a maravilhosa e mágica poesia de Mario Benedetti. Ao mesmo tempo em que leio e não me canso de ler *El coronel no tiene quien le escriba* e *Cien años de soledad* de Gabriel García Márquez, também os contos de Juan Rulfo em *El llano en llamas* e sua novela *Pedro Páramo*. Tanto em García Márquez quanto em Juan Rulfo são mesclados os ecos dos tempos mortos e dos tempos vivos, o presente e o passado, e a fantástica realidade de sonhos que torna possível pensar e imaginar a história. A poesia, publicada em muitos lugares, e o ensaio *El laberinto de la soledad* de Octavio Paz, assim como *O conto da ilha desconhecida* de José Saramago, *As cidades invisíveis* de Italo Calvino e o mundo longínquo e próximo, encantador e perturbador no qual são tecidos os poemas que constituem *Summa de Maqrol El Gaviero* e a novela *La última escala del Tramp Steamer* de Álvaro Mutis nos recordam que estamos sempre entre salvamentos e naufrágios.

Que não tome o leitor o *inventário* apresentado como uma tentativa de demonstrar erudição e grande conhecimento

em literatura e poesia. Nada disso! O leitor e eu sabemos que apresentar e apresentar-se é confessar profundas zonas de desconhecimento. Meu interesse aqui é apenas partilhar um caminho ainda sendo caminhado e que, se não serve de receita para ninguém, e não pretende servir de receita, lição ou conselho, indica um pouco do meu percurso entre a "realidade" que o cientista social busca investigar e compreender e a "outra realidade" que romancistas, romancistas e poetas imaginaram e sonharam, e que alimentam minhas reflexões. É uma caminhada incerta. Busca pensar e caminhar numa trajetória de impermanências, pois, como nos ensina Juan Nicolás Barquin (*in* Benedetti, 2003, p. XIV), "está hecha con la imperfección de la vida".

Em minhas tarefas de professor, pesquisador e cidadão, tenho buscado pensar a relação entre a política ou a sociologia com a esfera da arte, dentre as quais a literatura e a poesia, em particular. Leituras de romances, novelas, contos e poesias às quais recorro, além daquelas leituras específicas que meu ofício requer, porque, a exemplo de Octavio Paz, "preciso sonhar", têm me mostrado que a razão e a sensibilidade cultivadas pela imaginação fazem com que as tarefas cotidianas de meu ofício sejam mais prazerosas, seja quando estou tratando dos dramas, dos conflitos, das incertezas, seja das esperanças do mundo de hoje e de amanhã. Foi pensando nisso que decidi pela elaboração deste texto. Um texto que opera não como guia, mas como convite à leitura, um convite de alguém que tem procurado pensar as relações entre os diversos elos onde as pontes não são sólidas e não estão visíveis.

A ideia de escrever este texto foi fortalecida também pela leitura de materiais díspares, ou melhor, distintos, mas que, e assim espero do leitor, possa contribuir com a reflexão sobre uma dimensão pouco considerada nas vivências das Ciências Humanas e Sociais, qual seja, a de *cultivar* a sensibilidade estética. Destaquei algumas das leituras que venho realizando por dever de ofício e por necessidade de manter vivo o sonho, de manter viva a alegria de ensinar e apreender num permanente diálogo entre pistas do saber e do não saber, com alunos e colegas que também partilham do desejo de um mundo melhor e da sobrevivência das utopias. Refiro-me às utopias puramente humanas e, por isso mesmo, sagradas, que conectam ou buscam conectar as realidades vividas e as realidade imaginadas como uma só e mesma dimensão viva, porque a um só tempo sonhadas e vividas.

O texto está dividido em três partes. Na primeira, busco realizar uma breve discussão das relações entre a esfera da arte e a dimensão social, com a apresentação do poema "El sur también existe" de Mario Benedetti. Em segundo lugar, procuro relacionar aquele poema, ainda que de forma breve, com as dimensões históricas e políticas de nosso tempo. Por último, faço um convite ao leitor para que o mesmo percorra, com seus múltiplos sentidos, a descoberta ou a redescoberta de quatro autores de ontem e de hoje, que destaquei por meio de quatro poemas. Devo confessar: este texto tem como objetivo principal o de dialogar e navegar na vivida, imaginada, humana, profana e sagrada teia da vida, construída e reconstruída por diferentes formas de comunicação.

Esfera social e campo da imaginação

Se adotarmos o princípio weberiano de análise da sociedade como sendo formada por uma multiplicidade de campos ou instâncias relativamente autônomas, formadas, cada uma delas, por um objeto, bem ou capital em disputa, precisamos considerar que a esfera da ciência e a esfera da arte não têm relação direta. Qual seria o objeto, o tema, o assunto que definiria o campo científico? Filósofos, sociólogos, analistas sociais de diferentes horizontes teóricos, cientistas enfim, todos diriam que seria a busca da verdade. Outros certamente lembrariam Michel Foucault, para quem a verdade é sempre um objeto em disputa; disputa essa pelo discurso legítimo pela posse da verdade, ou seja, pela posse da posição de poder de dizer a verdade. De qualquer forma, a grande maioria por certo estaria de acordo que ao campo científico caberia a busca da verdade, mesmo que afirmassem que a verdade buscada seria parcial, provisória e incerta.

Qual seria, de outra parte, o campo da arte? Se pensarmos na pintura, escultura, literatura e, no interior desta, a poesia, em particular? Dificilmente não se estaria de acordo de que seria função da arte – e outros por certo afirmariam que a arte não tem outra função senão o exercício da liberdade e da loucura humana – o entretenimento e a exteriorização do espírito. Nessa perspectiva, o campo da arte seria *objetivado* pela imaginação humana. "A *imaginação* – apontou Gaston Bachelard – *não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade. É uma faculdade de sobre-humandade.*" E, continua o autor, "*a imaginação inventa mais que coisas e dramas; inventa vida nova, inventa mente nova; abre olhos que têm novos tipos de visão*" (Bachelard, 2002, p. 17-18, grifos do autor). Podemos pensar, de outra parte, nas relações entre o pensamento científico e a dimensão artística, ou seja, os campos da imaginação e da beleza (Nisbet, 2000).

Octavio Ianni, ao estabelecer as inter-relações entre a esfera científica e o campo da arte, recordava que:

O pensamento e a imaginação guardam sempre alguma contemporaneidade com as configurações e os movimentos da realidade sociocultural, histórica; mobilizando figuras e configurações da linguagem, signos e símbolos, emblemas e enigmas, conceitos e categorias, metáforas e alegorias. É claro que o pensamento e a imaginação são livres, descolam-se desta ou daquela realidade, reverterem fluxo da vida, inventam modos de ser e devir. É o que se pode verificar em cada uma e todas as obras científicas e de ficção mais notáveis. São narrativas nas quais a realidade social, as formas de sociabilidade e os jogos das forças sociais nem sempre aparecem; ou mesmo estão ausentes, podendo estar ou não metaforizados. Em todos os casos, no entanto, ressoa algo do "espírito da época", do clima cultural, das tensões e contradições, ou alucinações que germinam nesse tempo (Ianni, 2004, p. 21-22).

Se adotarmos esse caminho e concordarmos que em grande parte das obras científicas das ciências humanas e sociais

que analisam relações de poder, de enfrentamento das forças sociais em um tempo e lugar, vamos verificar a presença, ao mesmo tempo em que são analisadas as lutas, os dilemas e os dramas humanos, de forma explícita ou como metáfora, de muito do que é desejo, sonho, ou imaginação e fabulação de outros tempos e de outros lugares. Presente, passado e futuro, atravessados pela ciência e pela imaginação. *Realidade* a um só tempo, descrita e interpretada pela ciência, e *cantada* pela imaginação.

É seguindo nesse caminho que talvez possamos pensar que o poema "El sur también existe" de Mario Benedetti pode estabelecer uma relação entre contexto histórico, investigado pelo historiador, sociólogo, politólogo e uma manifestação literária, portanto do campo da arte e da imaginação, como é o caso deste poema, lembrando com Octavio Paz que todo poema constitui um cosmos animado.²

El modo de operación del pensamiento poético es la imaginación y ésta consiste, esencialmente, en la facultad de poner en relación realidades contrarias o disímbolas. Todas las formas poéticas y todas las figuras de lenguaje poseen un rasgo en común: buscan y, con frecuencia, descubren semejanzas ocultas entre objetos diferentes. En los casos más extremos, unen a los opuestos. [...]. Cada poema, cualquiera que sea su tema, su forma y las ideas que lo informan, es ante todo y sobre todo un pequeño cosmos animado (Paz, 1990a, p. 137-138).

Partilhemos o *cosmos animado* de Benedetti (2003, p. 298-300).

El sur también existe

*Con su ritual de acero
sus grandes chimeneas
sus sabios clandestinos
su canto de sirena
sus cielos de neón
sus ventas navideñas
su culto de dios padre
y de las charreteras
con sus llaves del reino
el norte es el que ordena*

*pero aquí abajo abajo
el hambre disponible
recurre al fruto amargo
de lo que otros deciden
mientras el tiempo pasa
y pasan los desfiles
y se hacen otras cosas
que el norte no prohíbe
con su esperanza dura
el sur también existe*

*con sus predicadores
sus gases que envenenan
su escuela de chicago
sus dueños de la tierra
con sus trapos de lujo
y su pobre osamenta
sus defensas gastadas
sus gastos de defensa
con su gesta invasora
el norte es el que ordena*

*pero aquí abajo abajo
cada uno en su escondite
hay hombres y mujeres
que saben a qué asirse
aprovechando el sol
y también los eclipses
apartando lo inútil
y usando lo que sirve
con su fe veterana
el sur también existe.*

*con su corno francés
y su academia sueca
su salsa americana
y sus llaves inglesas
con todos sus misiles
y sus enciclopedias
su guerra de galaxias
y su saña opulenta
con todos sus laureles
el norte es el que ordena*

*Pero aquí abajo abajo
cerca de las raíces
es donde la memoria
ningún recuerdo omite
y hay quienes se desmueren
y hay quienes se desviven
y así entre todos logran
lo que era un imposible
que todo el mundo sepa
que el sur también existe*

“El sur también existe”: poesia, história e política

Poderíamos perguntar sobre as possíveis relações de "El sur también existe" naquele contexto dos anos oitenta do século XX e sua possível atualidade neste início de novo século. É certo que o mundo passou por grandes transformações, que, quando Joan Manuel Serrat dava voz e música à letra de Benedetti naquele ano de 1985, os países do "sul" latino-americano recém

² Este e outros poemas de Mario Benedetti foram musicados por Joan Manuel Serrat (1985). Ficha técnica do LP: Serrat, El sur también existe, Letras de Mario Benedetti, Arreglos y Dirección Musical: Ricard Miralle, Arbola, Madrid, 1985. El sur también existe foi transcrito de Benedetti (2003, p. 298-300). Seguimos a grafia da publicação.

saíam de ditaduras, ensaiavam processos de eleições livres, de liberdade de imprensa, de ressurgimento de forças sociais que haviam sido esmagadas (mas não vencidas) por ditaduras de mais de uma década, como foi o caso do Brasil, Argentina, Chile e Uruguai, e o fortalecimento de novas forças sociais e políticas, parte delas oriundas do movimento sindical fortalecido, em um processo paradoxal, pelo desenvolvimento econômico promovido no interior dos próprios regimes autoritários.

O fato é que, no início desta segunda década do século XXI, "el sur también existe", e grande parte das misérias do "sul" permanecem extremamente atuais, em regimes políticos formalmente abertos e administrados – como é o caso do Brasil de hoje, por forças sociais surgidas em décadas anteriores e que lutaram contra os regimes autoritários, mas que, e este é outro paradoxo, não conseguiram libertar-se de grande parte dos mecanismos de dominação do "norte", já em um novo modelo de relações internacionais ensejadas pelo capitalismo globalizado. Principalmente pós "11 de setembro de 2001", quando do sequestro de aviões e ataque às torres em New York, com centenas de vítimas –, quando, com a justificativa de combater a barbárie praticada, têm-se o fortalecimento e a presença bélica do "norte" em diferentes pontos do planeta, colocando na defensiva, inclusive, as forças democráticas do "norte" que, temerosas "dos inimigos da democracia", abrem mão de importantes conquistas democráticas e de direitos civis e em nome da segurança, retrocedem na defesa das liberdades.

É nesta Sociedade Planetária que "norte" e "sul" não são metáforas, ou seja, não constituem simplesmente elementos simbólicos ou construções discursivas ou artísticas, mas espaços geográficos objetivos nos quais estão presentes relações de força com poderes desiguais. Poderes visíveis e capazes de serem medidos pelo número de aviões, tanques, navios ou pela capacidade letal de mísseis e, também, pela tentativa de imposição de uma visão de mundo por meio da difusão cultural objetivada por um mercado que se vale do cinema, da televisão e de diferentes formas simbólicas de dominação cultural. Sem esquecermos, é claro, que o mais forte elemento de dominação objetiva-se pela circulação planetária dos capitais, que têm no "norte", com suas empresas e seus centros de decisão, o mais forte elemento hegemônico.

Sabemos que "norte" e "sul" não constituem blocos isolados, mas partes integrantes de um mesmo mundo (seria "torre de babel"? "aldeia global"?) que se globaliza e interage, não sendo, portanto, simples construções abstratas de analistas sociais ou de poetas. É por isso que o poema de Benedetti opera numa dimensão sócio-histórica, da razão, e numa dimensão artística, da ficção, e que se objetiva relacionalmente na imaginação do poeta, ontem, e nas análises do cientista social e do analista social e político, hoje.

Como lembrava Octavio Ianni:

A metáfora está sempre no pensamento científico. Não é apenas um artifício poético, mas uma forma de surpreender o imponderável, fugaz, recôndito ou essencial, escondido na

opacidade do real. A metáfora combina reflexão e imaginação. Desvenda o real de forma poética, mágica. Ainda que não revele tudo, e isto pode ser impossível, sempre revela algo fundamental. Apreende uma conotação insuspeitada, um segredo, o essencial, a aura. Tanto assim que ajuda a compreender e explicar, ao mesmo tempo que capta o que há de dramático e épico na realidade, desafiando a reflexão e a imaginação. Em certos casos, a metáfora desvenda o pathos escondido nos movimentos da história (Ianni, 2003, p. 23).

Ao retomarmos a dimensão das relações entre contexto social, isto é, a dimensão vivida pelas práticas econômicas, políticas e socioculturais e a dimensão artística, qual seja, a esfera de construção simbólica de significados estéticos, lúdicos, nos quais a imaginação não tem necessariamente compromisso político, veremos que contexto sócio-histórico e metáforas construídas artisticamente interagem e, por vezes, *fecundam-se*, como diria Octavio Ianni.

Muitos nos ensinaram, e encontramos algumas dessas lições em Antonio Candido e Octavio Ianni, que não há separação estanque entre a obra de arte – literatura, música ou poesia – e os contextos sócio-históricos constituídos e perpassados por lutas sociais, nas quais estão presentes tentativas de preservação do presente e, por vezes, tentativas desesperadas de inventar o futuro. Ambos afirmam as relações entre arte e contexto histórico na medida em que precisamos considerar que "a arte enquanto sistema simbólico de comunicação", como afirma Antonio Candido, não se expressa em um vácuo social, mas constitui um público de adeptos e adversários que conformam um campo de relações, sempre tensas, entre a recepção de uma ideia, de uma concepção estética, e o público, ou segmentos destes que a rejeitam por seu caráter crítico ou herético. Em importante estudo publicado nos anos sessenta do século XX, Antonio Candido afirmava:

Como se vê, não convém separar a repercussão da obra de sua feitura, pois sociologicamente ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e atua, porque sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, e como tal interessa ao sociólogo. Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, seu efeito (Candido, 2002, p. 20).

A recepção de uma obra, e este é o caso de um poema como o de Benedetti, se, por um lado, *anuncia* elementos libertários, críticos, heréticos ou proféticos, constitui, ao mesmo tempo, no polo oposto à crítica conservadora, reacionária ou, por vezes totalitária, por perceber sob a forma poética a expressão do indizível politicamente, mas que se expressa com força metaforicamente sob a forma de música e poesia, institui-se enquanto elemento perigoso para aqueles que, à luz de seus pontos de vista e de seus interesses, desejam e, por vezes, necessitam, para a manutenção de seus postos de comando, dominação e hegemonia, silenciar as vozes (ou músicas) que os contradizem.

As diferentes formas de censura, cerceamento, silenciamento de muitas obras (retiradas de catálogo, do mercado) constituem estratégias fundamentais nas lutas políticas com efeitos também na dimensão estética de um tempo e lugar. É por isso que a obra de arte, direta ou indiretamente, adquire, implícita ou abertamente, uma dimensão política.

Se o poema de Benedetti mantém a sua atualidade e a sua capacidade de encanto é por *denunciar*, numa bela dialética que *anuncia* o *desnacer* e, ao mesmo tempo, o *desmorner*. Não constitui imagem ressentida do *topos* que é o mundo, tampouco pretende anunciar além do assombro de quem o lê, mas não se furta de deixar claro o lugar de onde o poeta olha o mundo: aqui desde *abajo*. É desde abaixo, desde o sul, que são *mirados* o norte e o sul. Se a poesia tem a força de anunciar por meio de metáforas, e não podemos esquecer que Benedetti é poeta e não analista social e que sua "arma" é a metáfora, que toda poesia é metáfora, que portanto "en el sur también existe", *norte* e *sul* são metáforas e não lugares no mapa, percebemos também que esses não lugares cartografados pelo poeta constituem também espaços de criação, de luta e de busca de novas metáforas, que proporcionam a beleza, numa nova forma de encantamento que recusa o desencanto trazido pela opressão e pela miséria. Se no "sul" se tem "uma força veterana e corajosa", não é menos verdade que o jugo da força encontra-se, e o poeta o percebe, à espreita desde o "norte".

Perguntemos novamente: Qual o *lugar* do "norte" e do "sul" no mundo globalizado? Qual o lugar do canto de Benedetti/Serrat nos tempos atuais? Talvez a força mais forte da música e letra que se metamorfosearam em poesia e fizeram história seja a de tratar de elementos fundamentais da condição humana, cuja superação, no caso da opressão, da dominação e da espoliação, seja condição necessária para o surgimento de um novo ser humano, de uma nova liberdade, de uma nova sociedade. É por isso que "El sur también existe" nos assombra até hoje, mantendo principalmente nestes tempos de terror e de terrorismo a mesma força dos anos oitenta do século passado quando gestado, justamente para denunciar e anunciar "que desde abajo abajo el sur también existe", lembrando também o "norte" e o "sul" de cada um de nós. Poetas que conseguem vislumbrar e imaginar o futuro, quando este ainda não chegou, são profetas iluminados. Profeta, entendido aqui não como alguém capaz de fazer previsões futurísticas – as "profecias" – ou contatos com o "sobrenatural", mas como alguém que consegue estabelecer as relações entre a história e os sonhos, e que consegue, por meio da sensibilidade e do olhar atento, propor algumas chaves humanas para a imaginação de um tempo que ainda não chegou. Isso porque, como nos ensinou Dom Paulo Evaristo Arns em brilhante homenagem a Antonio Candido: "É papel do intelectual a luta pela justiça e pela solidariedade, não apenas pela preservação da saúde física da humanidade, mas também para a garantia da sobrevivência da imaginação" (Arns, 1999, p. 294).

Diferentemente dos analistas sociais, que se debruçam sobre as consequências do já acontecido, e este que aqui escreve, em grande medida, está incluído nesse campo, os poetas

percebem o acontecimento em germe ou acontecendo e, pondo a imaginação à serviço da imaginação, percebem, narram, maravilham e assombam quem os lê, cartografando o acontecimento em ação quando este ainda é um não acontecimento, numa dimensão utópica criativa e criadora que, por não ser imediatamente política, antecipa o campo de possibilidades do politicamente provável. Profetas não religiosos, cuja *crença fundamental*, firme e forte, é a *crença* nas múltiplas possibilidades, sempre abertas e instáveis, de que nós, seres humanos, somos capazes de grandes atrocidades contra o outro ser humano, mas que temos também a imensa força e a imensa grandeza de não silenciarmos frente às injustiças, sejam estas do presente ou do passado. São profetas iluminados por anunciarem a imaginação do amanhã, não o amanhã dos deuses, mas o amanhã dos homens, das mulheres e das crianças, de hoje e de amanhã. Por perceberem de forma poética, podemos arriscar a dizer, aquilo que Álvaro Mutis qualificou como *o movimento imperceptível das raízes*.

Para finalizarmos esta breve reflexão em torno do poema de Mario Benedetti, podemos perguntar, como o fez Octavio Paz em *La otra voz*: "Cuál puede ser la contribución de la poesía en la reconstitución de un nuevo pensamiento político?" Deixemos que Octavio Paz nos responda e nos ensine:

No ideas nuevas sino algo más precioso y frágil: la memoria. Cada generación los poetas redescubren la terrible antigüedad y la no menos terrible juventud de las pasiones. En las escuelas y facultades donde se enseñan las llamadas ciencias políticas debería ser obligatoria la lectura de Esquilo y de Shakespeare. Los poetas nutrieran el pensamiento de Hobbes y Locke, de Marx y Tocqueville. Por la boca del poeta habla – subrayo: habla, no escribe – la otra voz. Es la voz del poeta trágico y la del bufón, la de la solitaria melancolía y la de la fiesta, es la risotada y el suspiro, la del abrazo de los amantes y la de Hamlet ante el cráneo, la voz del silencio y la del tumulto, loca sabiduría y cuerda locura, susurro de confianza en la alcoba y oleaje de multitud en la plaza. Oír esa voz es oír al tiempo mismo, el tiempo que pasa y que, no obstante, regresa vuelto unas cuantas sílabas cristalinas (Paz, 1990a, p. 68).

Da imaginação da liberdade à liberdade de imaginar

Neste terceiro tópico pretendemos convidar o leitor a uma viagem feita das *imperfeições da vida* e da imaginação. Convidá-lo a navegar por mares desconhecidos descobrindo novas rotas, novos trajetos de uma viagem que não acaba nunca, ou realizar uma nova viagem, se as coordenadas já são conhecidas. Não se tem aqui a pretensão de *apresentar* os autores, mas convidar ao exercício da imaginação, na sala de visitas de quatro autores e de quatro poemas. Octavio Paz, Gregory Bateson, Martha Nélida Ruiz e Etienne Samain. Por que foram escolhidos? Por quais critérios?

Octavio Paz, escritor e poeta mexicano (1914–1998), Prêmio Nobel de Literatura de 1990, foi escolhido pela importância em relacionar poesia, imaginação e política. Dele sabemos

que "la operación poética concibe al lenguaje como un universo animado, recorrido por una doble corriente de atracción y de repulsión. En el lenguaje se reproducen las luchas y las uniones, los amores y las separaciones de los astros y de las células, de los átomos y de los hombres" (Paz, 1990a, p. 68). Deixemos que fale a *outra voz em Tintas e calcomanías* (Paz, 1990b, p. 68):

*Desde la ventana de un dudoso edificio oscilando
sobre arenas movedizas,
Charles Tomlinson observa, en la estación del
deshielo del calendario, la caída de los días:
Sin culpa, dice la gota de piedra de la clepsidra,
Sin culpa, repite el eco de la gruta de Willendorf,
Sin culpa, canta el glu-glu del pájaro submarino.*

*El tirabuzón Ptyx-Utile destapa la Cabeza-nube que
inmediatamente se transforma en un geyser de proverbios,
Los peces se quedan dormidos enredados en la cabe-
llera de la Vía Láctea,
Una mancha de tinta se levanta de la página y se
echa a volar,
El océano se encoge y se seca hasta reducirse a unos
cuantos milímetros de arena ondulada,
En la palma de la mano se abre el grano de maíz y
aparece el león de llamas que tiene adentro,
En el tintero cae en gruesas gotas la leche del silencio,
La tribu multicolor de los poetas la bebe y sale a la
caza de la palabra perdida.
Charles Tomlinson baila bajo la lluvia del maná de
formas y come sus frutos cristalinos.*

Martha Nélide Ruiz, compatriota de Octavio Paz, poeta, comunicóloga, psicoterapeuta e cientista social, vive na cidade do México, DF. Alia sua obra poética com pesquisas sobre hiperconsumo nas sociedades pós-modernas. Desta autora, destacamos como convite à leitura a expressão de uma dialética ao mesmo tempo intimista e aberta, vivida e imaginada, objetivada em um poema, sem título, de seu livro *El espejo vacío* (Ruiz, 2003, p. 85-86).³

*NO ESTOY AQUÍ
de tanto ser presencia*

*No soy sonido
de tanto ser pretexto*

*No tengo boca
de tanto ser comida*

*No soy mirada
de tanto ser expuesta*

*No tengo pies
de tanto ser camino*

*No soy hogar
de tanto ser refugio*

*No soy compás
de tanto ser tonada*

*No tengo edad
de tanto ser vivida*

*No soy noticia
de tanto ser sorpresa*

*No tengo paz
de tanto estar serena*

*No soy feliz en mí
de tanto ser en otros.*

Gregory Bateson, antropólogo inglês (1904–1980), dedicou-se a compreender as *pautas que conectam* as diferentes formas de vida, relacionando indagação intelectual, profunda reflexão epistemológica e uma apaixonada poética na forma de exposição de suas investigações. Suas obras compreendem os campos da biologia, antropologia, comunicação e psicoterapia. De acordo com sua filha Mary Catherine Bateson, também antropóloga, "[...] después de haber terminado *Mind and Nature* [em 1978], Gregory compuso en el otoño varios poemas, uno de los cuales me parece expresar lo que creía él que había intentado en la obra que acababa de completar y expresar quizá también una aspiración respecto de la obra que tenía por delante" (Bateson e Bateson, 1994, p. 19). Eis um dos poemas de Gregory Bateson (Bateson e Bateson, 1994, p. 19).

*El manuscrito
Está así en palabras
Precisas
Y si uno quiere leer entre líneas
Nada encontrará allí
Pues ésa es la disciplina que pido
No más, no menos*

*No el mundo tal como es
Ni como debería ser ...
Sólo la precisión
El esqueleto de la verdad
No especulo con la emoción
Señalo implicaciones
Evoco los espectros de antiguos credos olvidados*

*Todo eso es para el predicador
El hipnotizador, el terapeuta y el misionero
Ellos vendrán después de mí
Y usarán lo poco que dije
A fin de armar más trampas
Para aquellos que no pueden soportar
El solitario
Esqueleto
De la verdad.*

³ Para um conhecimento mais aprofundado da obra poética e de investigação nas áreas das ciências sociais e da comunicação, ver também Ruiz (2001, 2006).

Etienne Samain é antropólogo, desenvolvendo estudos nas áreas de Multimeios e Antropologia Visual. Dois de seus estudos sobre a obra de Gregory Bateson são importantes convites ao exercício da imaginação e da incerta, e sempre renovada, tarefa do antropólogo e dos demais cientistas sociais, qual seja o de buscar descrever e compreender os ossos e o sangue da teia humana que tecem os significados, os sentidos e os símbolos do que chamamos Cultura. São os textos "Balinese Character (Re)Visitado: uma introdução à obra visual de Gregory Bateson e Margaret Mead" (Samain, 2004) e "Por uma antropologia da comunicação: Gregory Bateson" (Samain, 2005). É no final deste segundo que se encontra o poema que transcrevemos abaixo, como expressão de uma *pauta que conecta* – categoria importante na obra de Bateson – os passos de Samain e Bateson. Eis o "PS:" de Etienne Samain (2005, p. 155):

PS:

*Se, um dia, debaixo de uma porta, descobrir
Um envelope de papel bege claro,
Sem endereço oficial ou formal
Dê-me um toque. Ele me interessa.*

*Se, ao abrir, o envelope,
De papel bege claro, descobrir
Uma folha da mesma cor,
Então pare um instante,
e tome a coisa muito a sério.*

*Se sobre a folha de papel de cor bege
encontrar-se escrito algo do gênero:
'Em que medida a folha de uma árvore
assemelha-se a uma palavra dentro de uma frase?'
tome o cuidado de respirar fundo.*

Renovando o convite e abrindo janelas

Talvez possamos continuar tecendo este texto, abrindo um novo leque de perguntas: Qual a contribuição da poesia, do conto, da novela, do romance, das fábulas, do teatro, da dança, para o pensamento? Responder uma a uma destas perguntas não é tarefa simples para quem é do *ofício*, muito mais difícil ainda para alguém que é, simplesmente, sociólogo. Mas não é demais recordar que Gregory Bateson, ao lado de seus trabalhos que ocuparam toda uma vida, juntamente com inquietações e resultados de suas investigações na antropologia e na comunicação, escreveu poesias. E que a dimensão artística não se reduz à política. Octavio Ianni e Antonio Candido o demonstraram, e, poderíamos acrescentar, não se reduz a outras dimensões práticas da vida. A arte pode ser pré-política e, muitas vezes, não política, mas nunca antipolítica. Pode educar e *lapidar* a sensibilidade e as emoções, condições necessárias para a vida na *polis* clássica e, por vezes esquecidas na *polis*, real ou virtual, das

sociedades de nosso tempo, sendo, portanto, parte da história em acontecimento, ou seja, da vida mesma.

Mario Benedetti, que afirmou não fazer obra "militante", torna possível em grande parte de seus contos e novelas, e de uma fração significativa de sua obra poética, em particular, que possamos pensar sobre aqueles fenômenos a que Dom Paulo Evaristo Arns fazia referência: "a luta pela justiça e pela solidariedade" e, como vimos, também pela "sobrevivência da imaginação". Se formos capazes de imaginar resultados práticos para a sensibilidade, certamente lembraremos que esta torna possível o espanto, que se objetiva na alegria frente à beleza e na indignação diante daquilo que não pode ser tolerado. Capacidade de alegria e indignação: qualidades pré-políticas do ser humano, mas indispensáveis para a ação política e para a sobrevivência da teia humana, do *ethos* sagrado, em todos e em cada um.

Se, em um dia ou em uma noite, ou no meio do dia ou no meio da noite, o leitor e a leitora ficarem com vontade, aquela vontade enorme e cuja satisfação se torna inadiável, de ler ou reler Octavio Paz, Octavio Ianni, Antonio Candido, Mario Benedetti, Martha Nélida Ruiz, Etienne Samain, Gregory Bateson, Dom Paulo Evaristo Arns e tantos outros e tantas outras que caminharam e caminham pelos caminhos que levam à "sobrevivência da imaginação", este texto terá atingido o seu objetivo maior: o de aguçar a vontade de imaginar. E, se o leitor ou a leitora correrem para sua biblioteca, para a biblioteca da universidade, para um *sebo* ou livraria ou para a tela do computador ou do tablet, este texto terá cumprido com o segundo objetivo esperado: ser mais um elo na teia sagrada que resulta da alquimia entre o sonho e a comunicação humana. *A viagem não acaba nunca*, já o disse José Saramago. Aqui foram cartografados alguns ângulos do céu para inventar provisórios mapas e caminhos. E continuar caminhando.

Referências

- ARNS, P.E. 1999. Um intelectual [homenagem a Antonio Candido]. *In: F. AGUIAR, Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo/Humanitas-FFLCH-USP, p. 293-295.
- BACHELARD, G. 2002. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo, Martins Fontes, 202 p.
- BATESON, G.; BATESON, M.C. 1994. *El temor de los ángeles: epistemología de lo sagrado*. 2ª ed., Barcelona, Gedisa Editorial, 218 p.
- BATESON, G. 1997. *Espíritu y naturaleza*. Buenos Aires, Amorrortu, 246 p.
- BENEDETTI, M. 2003. *Antología poética*. La Habana, Fondo Editorial Casa de las Américas, 350 p.
- CANDIDO, A. 2000 [1965]. *Literatura e sociedade*. São Paulo, T.A. Queiroz/Publicfolha, 182 p.
- IANNI, O. 2003 [1995]. *Teorias da globalização*. 11ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 228 p.
- IANNI, O. 2004. Variações sobre ciência e arte. *In: Aula Inaugural da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo*. São Paulo, FFLCH, 29 p.
- NISBET, R. 2000. A sociologia como uma forma de arte. *Plural: Sociologia*, 7:111-130.

PAZ, O. 1990a. *La otra voz: poesía y fin de siglo*. Barcelona, Seix Barral, 141 p.

PAZ, O. 1990b. *Vuelta*. 6ª ed. Barcelona, Seix Barral, 96 p.

RUIZ, M.N. 2006. *El espejo intoxicado: hiperrealismo, hiperconsumo e hiperlógica en las sociedades posmodernas*. Barcelona, Octaedro, 127 p.

RUIZ, M.N. 2003. *El espejo vacío*. México, D.F. Ediciones Eón/Universidad de Tijuana/New Mexico State University, 131 p.

RUIZ, M.N. 2001. *La voz en el espejo*. México, D.F. Ediciones Eón/Universidad de Tijuana, 89 p.

SAMAIN, E. 2005. Por uma antropologia da comunicação: Gregory Bateson. In: J. de S. MARTINS; C. ECKERT; S.C. NOVAES (orgs.), *O imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. Bauru, Edusc, p. 129-155.

SAMAIN, E. 2004. Balinese Character (Re)Visitado: uma introdução à obra visual de Gregory Bateson e Margaret Mead. In: A. ALVES, *Os argonautas do mangue*. Campinas/São Paulo, UNICAMP/Imprensa Oficial, p. 15-72.

Submetido: 28/10/2013

Aceito: 19/02/2014